

**JONAS  
JONASSON**

**O CENTENÁRIO  
QUE FUGIU  
PELA JANELA E  
DESAPARECEU**

Traduzido do francês por Mário Matos

# 1

## Segunda-feira, 2 de maio de 2005

Disse para consigo que bem poderia ter-se decidido antes, e que deveria, pelo menos, ter tido a coragem de avisar os que o rodeavam da sua decisão. Mas Allan Karlsson nunca fora do género de refletir muito tempo antes de agir.

Ainda a ideia mal tivera tempo para germinar no seu espírito, já o velho tinha aberto a janela do quarto, situado no piso térreo do lar de idosos de Malmköping, na Södermanland, e se encontrava de pé sobre a faixa de flores que rodeava o jardim.

A acrobacia deixara-o um pouco abalado – o que não tinha nada de espantoso, dado que nesse dia Allan completava cem anos. A receção organizada para o centenário, no refeitório da instituição, começaria daí a apenas uma hora. Até o adjunto do presidente da câmara tinha sido convidado. E o jornal local tinha agendado a cobertura do acontecimento. Todos os idosos estavam, evidentemente, muito aperaltados, tal como o pessoal, todo fardado a preceito, com Alice, “a Colérica”, à cabeça do pelotão.

Só o rei da festa iria faltar à chamada.



## Segunda-feira, 2 de maio de 2005

Allan Karlsson ficou indeciso por um breve momento, plantado no meio do carreiro de amores-perfeitos que corria ao longo da parede do Lar. Vestia um casaco castanho e umas calças a condizer. Nos pés, trazia um par de pantufas da mesma cor. Estava longe de ser um exemplo de elegância – mas quem poderá garantir que será tal coisa quando chegar aos cem anos? Fugia da sua própria festa de aniversário, e essa é outra coisa que raramente alguém faz com essa idade – principalmente porque não é frequente chegar-se lá.

Allan ainda hesitou, pensando em fazer a subida de regresso para ir buscar os sapatos ao quarto; mas, sentindo a protuberância que a carteira lhe fazia no bolso interior do casaco, disse a si mesmo que assim estava muito bem. Além do mais, a irmã Alice demonstrara vezes sem conta que dispunha de um sexto sentido (sempre que ele colocava uma garrafa de bebida algures, ela dava logo com ela) e, se bem a conhecia, decerto estaria já prestes a virar para trás e a entrar no quarto, com a sensação de que qualquer coisa não estava bem.

Mais valia continuar a sua escapadela. Os joelhos soltaram um estalido lúgubre quando saiu da faixa de flores. Tanto quanto se lembrava, a carteira conteria algumas notas de cem coroas, e interrogou-se se isso seria o suficiente para um homem em fuga.

Voltando a cabeça, lançou um último olhar para o Lar, que pensara, não muito tempo antes, que seria a sua última morada na terra. Que se lixasse; poderia sempre morrer mais tarde, noutra sítio qualquer.

O centenário pôs-se a caminho com os seus mijá-pés (assim chamados porque os homens de uma certa idade têm dificuldade em urinar mais longe do que a ponta das pantufas). Atravessou primeiro um parque, e depois uma grande praça onde havia, de tempos a tempos, uma feira naquela aldeia que, no resto do tempo, se mantinha assaz tranquila. Ao fim de algumas centenas de metros, Allan sentou-se junto a um túmulo, atrás da igreja medieval que era o grande orgulho da região. Precisava de descansar os joelhos. As pessoas dali não eram cristãs muito fervorosas; por isso, era razoável esperar encontrar ali um momento de tranquilidade. Constatou, divertido, que era coetâneo de um tal Henning Algottson, que atualmente jazia sob a pedra em que estava sentado. Henning, esse, entregara a alma uns sessenta e um anos antes.

Se esse fosse o seu género, Allan ter-se-ia talvez interrogado de que morrera Henning, com apenas trinta e nove anos. Mas não tinha por hábito meter-se nos assuntos dos outros, se pudesse evitar. E, na maior parte do tempo, conseguia evitar.

Disse para consigo que fizera mal em pensar em morrer quando ainda estava sentado na cama do Lar. Porque, mesmo atacado pelo reumatismo, era muito mais divertido andar fugido, longe da irmã Alice, do que ficar deitado e quieto debaixo de seis palmos de terra.

Com esse belo pensamento, o nosso herói ausente da sua própria festa de aniversário levantou-se, ignorando os joelhos doridos. Cumprimentou Henning Algottson e prosseguiu a fuga improvisada.

Atravessou o cemitério em direção a sul, até se ver bloqueado por um muro baixo em pedra; não tinha mais de um metro de altura, mas Allan era um centenário, e não um campeão de salto em altura. Do outro lado do muro aguardava-o a estação rodoviária de Malmköping e o velhote acabara de compreender que era para lá que as suas pobres pernas tinham decidido levá-lo, desde o início. Uma vez, muitos anos antes, tinha atravessado os Himalaias. Isso, sim, fora duro. Allan pensou nisso intensamente, diante daquele muro que se erigia como último obstáculo entre ele e a estação. Pensou nisso com tanta força que o muro encolheu até se tornar um murinho de nada. E quando o muro se reduziu ao tamanho mínimo, Allan passou por cima dele, apesar da idade e dos joelhos.

Como dissemos antes, Malmköping era uma aldeia bastante tranquila, e este dia não era exceção. O fugitivo ainda não se cruzara com ninguém, desde que decidira não festejar o centésimo aniversário. Quando entrou na estação, arrastando as pantufas, a sala de espera pareceu-lhe deserta. No meio estavam dispostas duas filas de assentos virados costas com costas. Todos os lugares estavam livres. À direita havia dois guichés. Um estava fechado, e no outro estava um homem baixinho e muito magro, com uns óculos redondos minúsculos e uma única mecha de cabelo cuidadosamente puxada sobre a cabeça, para esconder a calvície; vestia um blusão de uniforme. O homem levantou o nariz do ecrã do computador com ar aborrecido, quando Allan entrou. Talvez achasse que havia um pouco de afluência em demasia nessa tarde; Allan descobriu nesse momento, com efeito, que não era o único passageiro na sala de espera. A um canto encontrava-se um homem ainda jovem, magro e de longos cabelos louros oleosos, com uma barba desalinhada e vestindo um blusão de ganga com uma inscrição nas costas que dizia *Never Again*.

O jovem não devia saber ler, porque empurrava com toda a força a porta do lavabo para deficientes, quando um letreiro indicava claramente, em letras pretas sobre um fundo amarelo: FECHADO.

Mas lá acabou por mudar de rumo para a porta ao lado, onde se deparou com um novo problema. Visivelmente, não tinha nenhuma vontade de se separar da grande mala cinzenta com rodinhas, e o lavabo era demasiado exíguo para lá caberem os dois. Allan disse para si que o jovem só tinha duas opções: deixar a mala cá fora enquanto ia ao lavabo, ou então meter a mala lá dentro e ficar ele cá fora.

A bem dizer, Allan não estava muito ralado com o problema do jovem. Estava concentrado na provação constituída pelo facto de ter de levantar os seus próprios pés do chão, para chegar, andando com naturalidade, ao guiché aberto e perguntar ao homenzinho se, por acaso, haveria um transporte público de partida fosse para onde fosse nos próximos minutos – e, em caso afirmativo, quanto lhe custaria um bilhete.

O homenzinho tinha um ar cansado. Deve ter perdido o fio do pensamento a meio da pergunta, porque, ao fim de uns segundos de reflexão, perguntou:

– E para onde deseja o senhor ir?

Allan disse ao homenzinho que acabara de lhe explicar que a) a hora de partida e b) o custo da viagem seriam nesse dia a prioridade, em detrimento do destino e do meio de transporte.

O homenzinho consultou as tabelas de horários e refletiu um pouco.

– O autocarro 202 parte daqui a três minutos para Strängnäs. Serve-lhe?

Sim, servia-lhe perfeitamente. O homenzinho informou-o de que o autocarro partiria do local de estacionamento que ficava mesmo frente à porta do terminal e que o mais prático era comprar o bilhete diretamente ao motorista.

Allan interrogou-se, no seu foro íntimo, sobre qual seria a função do homem da bilheteira, se não vendia bilhetes – mas não fez nenhum reparo. Era possível que o homenzinho fizesse a si mesmo precisamente a mesma pergunta. Allan agradeceu-lhe a ajuda e levou a mão à cabeça para levantar o chapéu que se esquecera de pôr na cabeça, com a precipitação.

O centenário sentou-se num dos lugares desocupados, sozinho com os seus pensamentos. Aquela maldita festa dada em sua honra no Lar deveria começar às três horas; ou seja, daí a doze minutos. Iriam bater-lhe à porta a qualquer momento, e então seria a debandada!

O herói da festa riu-se à socapa, notando pelo canto do olho que alguém se aproximava. Tratava-se do jovem magro de cabelos louros oleosos, com uma barba desalinhada e vestindo um blusão de ganga com uma inscrição nas costas que dizia *Never Again*. O indivíduo avançava para Allan, puxando atrás de si a grande mala com rodas. Allan percebeu que havia fortes hipóteses de se ver forçado a trocar algumas palavras com o guedelhudo. Disse a si mesmo que isso não seria grave; afinal, poderia ser interessante conhecer as ideias dos jovens de hoje.

A conversa teve de facto lugar, embora mantendo-se simples. O jovem parou a alguns metros de Allan, pareceu medi-lo por um momento e depois disse:

– Eh... Hum... Tudo bem?...

Allan respondeu cordialmente que também ele lhe desejava uma boa tarde, e perguntou-lhe se lhe podia ser útil em alguma coisa. E era mesmo isso: o jovem queria que Allan lhe olhasse pela mala enquanto ia ao lavabo fazer o que tinha a fazer. Ou, nas suas próprias palavras:

– Tenho de ir cagar.

Allan respondeu educadamente que, apesar da idade avançada e da aparente debilidade, tinha uma visão excelente, e que não lhe parecia nada de mais vigiar a bagagem por um instante. Em contrapartida, pedia-lhe que se despachasse, porque tinha de apanhar um autocarro.

O jovem não apreendeu esta última informação; já estava no lavabo antes que Allan tivesse tempo de terminar a frase.

O centenário não era do estilo de se enervar com as pessoas por tudo e por nada, e não ficou particularmente irritado com a falta de modos do jovem. Mas também não tinha por ele nenhuma simpatia, e este pormenor viria a ter uma certa influência sobre o que se passaria a seguir.

O autocarro 202 chegou e parou diante da entrada do terminal, poucos segundos depois de o jovem ter fechado a porta do lavabo. Allan olhou para o autocarro, e depois para a mala; depois para o autocarro, e depois outra vez para a mala.

«Esta mala tem rodinhas», disse para consigo. «E uma pega para puxar».

E surpreendeu-se a si mesmo ao tomar uma decisão cheia de consequências, conforme constataremos de seguida.

O motorista mostrou-se simpático e pronto a ajudar. Auxiliou o idoso a carregar a grande e pesada mala para dentro do autocarro.

Allan agradeceu-lhe a ajuda e retirou a carteira do bolso do casaco. O motorista perguntou-lhe se ia fazer o trajeto todo até Strängnäs, enquanto ele fazia as contas a todas as suas economias. Tinha seiscentas e cinquenta coroas e mais uns trocos. Disse a si mesmo que seria melhor ser prudente com o dinheiro. Pôs uma nota de cinquenta diante dos olhos do motorista e perguntou:

– Até onde poderei ir com isto, a seu ver?

O motorista respondeu, divertido, que já tivera muitos passageiros que queriam ir a qualquer lado e perguntavam quanto isso lhes custaria, mas nunca o contrário. Depois, estudou a tabela de tarifas e anunciou-lhe que, por quarenta e oito coroas, poderia manter-se dentro do autocarro até à estação de Byringe.

No fim de contas, esse destino servia tão bem como qualquer outro. O motorista colocou a mala roubada no compartimento para bagagem atrás do seu assento, e depois entregou-lhe o bilhete e duas moedas de uma coroa. Allan sentou-se na primeira fila, no assento do lado direito.

Desse lugar, via o interior da estação rodoviária através do vidro. A porta do lavabo continuava fechada quando o motorista meteu a primeira e arrancou. Allan desejou ao jovem que passasse um momento agradável no trono, para se preparar para a má surpresa que iria ter quando de lá saísse.

Tirando ele, não havia muito mais gente no autocarro para Strängnäs, nessa tarde. Na penúltima fila de assentos estava uma senhora de meia-idade que entrara em Flen. No meio instalara-se uma jovem mãe de família que subira com dificuldade para o autocarro, com dois filhos pequenos, um deles ainda num carrinho de bebé.

O velho interrogava-se sobre o que lhe teria dado para roubar uma mala. Talvez o tivesse feito apenas porque a ocasião se proporcionara. Ou porque o proprietário da mala era um vagabundo. Ou mesmo porque esperava que a mala contivesse um par de sapatos, e até um chapéu. Ou porque já não tinha nada a perder. Não... Decididamente, Allan não encontrava respostas para as suas perguntas. Quando a vida já está no tempo de prolongamento, bem nos podemos autorizar uns quantos caprichos, concluiu prazenteiramente.

Batiam as três horas no campanário quando o autocarro passou por Bjornedammen. Allan estava contente com a sua viagem. Fechou os olhos. Eram horas da sesta.

Nesse momento, a irmã Alice batia à porta do quarto número 1 do Lar de Malmköping. Batia e voltava a bater.

– Vamos lá, Allan, pare de se fazer de parvo. O conselho municipal já chegou, e todos os outros. Está a ouvir? Não recomeçou a beber, espero! Vá, Allan. Saia lá. Está a ouvir? Allan?

Quase no mesmo momento, a porta do único lavabo em funcionamento da estação rodoviária de Malmköping abria-se. Um homem ainda novo, aliviado em todos os sentidos da expressão, saiu. Avançou até ao meio da sala de espera, apertando o cinto com uma mão e passando a outra pelos cabelos. Depois, ficou parado. Olhou para as duas filas de assentos vazios, dardejando olhares estupefactos em redor.

– Olha que puta de brincadeira...

Depois, recompôs-se e acrescentou:

– Vais arrepender-te, meu traste velho... Só tenho de te apanhar a jeito.